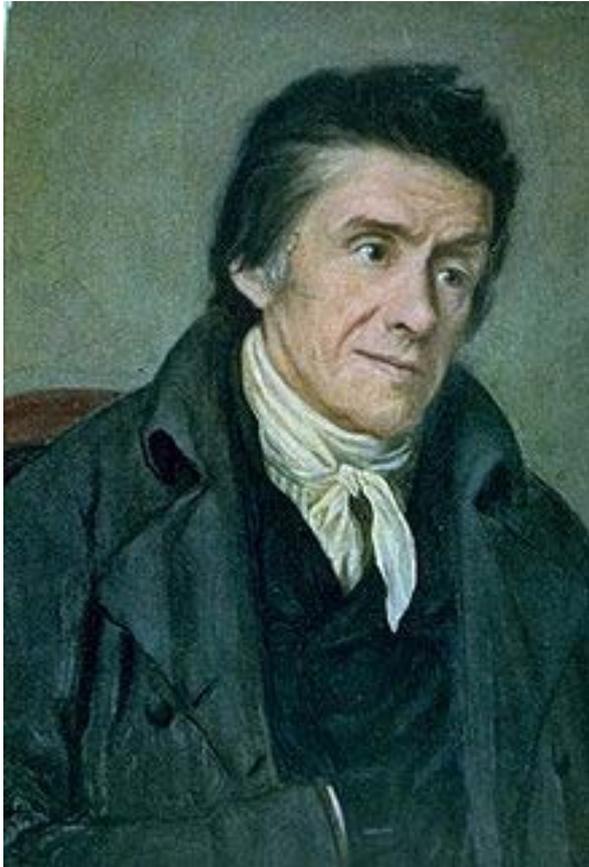


Johann- Heinrich Pestalozzi

1746 - 1827



“Pestalozzi é genialmente surpreendente pela actualidade dos conceitos com que ele orienta a sua acção educativa, quer ao nível cognitivo, quer ao nível social e moral.”

Lucinda Atalaya, directora do Jardim Infantil Pestalozzi

Reproduzimos um artigo de Lucinda Atalaya publicado em 1990 nos Cadernos de Educação e Infância (Nº 16), por considerarmos que, melhor que ninguém, Lucinda Atalaya traduz, neste breve texto biográfico, a importância do contributo de Pestalozzi para a educação e para a pedagogia, e as razões porque nos inspira na nossa missão.

“Penso que a figura de Pestalozzi se impõe como a mais fulgurante na história da pedagogia, porque as suas ideias se alicerçam numa vida inteira dedicada à busca de soluções para libertar da miséria os camponeses e mendigos que desde criança ele conheceu de perto e cujos dramas não deixaria de partilhar ao longo da sua existência. “Vivi como um mendigo para ensinar os mendigos a viver como homens.”

Nascido em Zurique em 12 de Janeiro de 1746, de uma família modesta, perderia o pai aos 5 anos, mantendo-o sua mãe tão apegado a si como se fora “um cordeiro que nunca se deixa sair do redil. Nunca ia para a rua brincar com os outros rapazes da minha idade.” Se isso pode ter contribuído para ser alvo de troça dos companheiros de escola, não o impediu todavia de ser um menino decidido e corajoso. É de todos conhecido, aquando do terramoto que atingiu Lisboa e Zurique em 1755, o acto de coragem que o leva a voltar à sala de aula a buscar os livros e os bonés que todos abandonaram ao fugir. Durante as férias ele visitava o avô que era pastor protestante em Hongg. Além do contacto com a Natureza, cujos elementos e fenómenos o avô sabia realçar, Henri Pestalozzi foi desde então conhecendo directamente as condições de vida do povo dos campos em cujas casas o avô se detinha para os ajudar e conversar. E foi ainda criança que disse “Quando for grande hei-de ajudar os camponeses. Eles devem ter os mesmos direitos que os habitantes das cidades.” Os seus estudos orientaram-se para vir a ser pastor como o avô. Por volta dos 17 anos entra no Carolinum, o Instituto

onde se formavam os Teólogos. Com um professor e amigos participa na criação da Sociedade Helvética, cujos membros, designados por Patriotas, se iam salientando por atitudes de crítica social e política. Cada vez mais se vai fortalecendo em Pestalozzi o desejo de melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos. Mas a profissão religiosa não era a mais adequada às suas concepções e anseios. Depois de admitir a hipótese de se formar em Direito, acaba por se decidir pela Agricultura. Quer a experiência da sua infância, quer as leituras de Rousseau devem naturalmente ter pesado nesta opção, com a esperança de vir a ensaiar modificações na actividade agrícola que trouxessem melhor rendimento. Mas a sua empresa agrícola em Neuhof fracassa, apesar da dedicação e energia com que se dedica ao trabalho. No entanto a natureza de Pestalozzi não era das que se deixa vencer pela adversidade, que sempre estará presente ao longo de toda a sua vida. É ali mesmo em Neuhof, em 1774, que ele inicia a sua experiência de educação popular, recebendo 50 crianças pobres e associando o trabalho no campo ou na oficina com a aprendizagem do cálculo, escrita, leitura e desenho.

Sonho e convicção, sempre a par, jamais o abandonam.

Homenageado poucos meses antes da sua morte, que ocorre aos 81 anos, pela renascente Sociedade Helvética, que o elege presidente, Pestalozzi persiste e a todos pretende convencer de que a transformação política e social depende de uma profunda renovação pedagógica – o ensino associado ao trabalho e uma educação **para todos** e não só para alguns.

Pestalozzi considera a intuição como a base do conhecimento. Ou seja, há que ver e sentir as coisas, só depois hão-de vir as palavras, as explicações. Os três elementos que a criança naturalmente tende a adquirir são: o **nome**, a **forma** e o **número**. Pestalozzi considerava as mães como as educadoras naturais dos seus filhos, mas que precisavam de ser orientadas. No “Manual para as mães” insiste em três pontos: o desenvolvimento da linguagem pelo hábito de se exprimir com precisão; o desenvolvimento da inteligência pela capacidade de distinguir os objectos, as diferentes partes, as qualidades, as funções e as propriedades; o conhecimento de si mesmo, o que é fisicamente, o que pode, ou seja as suas faculdades, o que lhe falta, ou seja as suas necessidades, o que deve, ou seja os seus deveres. Nos seus Institutos a criança procura por si própria a informação, está activa na sua aprendizagem. Em Yverdon, o último Instituto por ele criado e de maior duração (20 anos) não há prémios, nem medalhas, nem castigos humilhantes, nem primeiro ou último. Ao sábado à tarde cada classe procedia a uma avaliação do trabalho da semana em presença do professor e dos alunos. (Jaqueline Cornaz-Besson, “Qui êtes vous Mr Pestalozzi?” Ed de la Tière, Yverdon, Suisse, 1977).

Pestalozzi é genialmente surpreendente pela actualidade com que orienta a sua acção educativa, quer ao nível cognitivo, quer ao nível social e moral. Mas não fica por aqui. A vida emocional também merece a sua atenção. Oijamo-lo: “Se no despertar da vida sensorial da criança se pode notar que os olhos querem ver, que os ouvidos querem ouvir, que os pés querem andar e as mãos segurar, não esqueçamos que o seu coração quer crer e amar.”

Há corações geniais como há espíritos geniais, ambos precisam de ser cultivados para atingirem a culminância do que se chama génio.

A confiança e o amor são o alfa e o ómega da elementar formação da humanidade no homem.”

Breves notas biográficas e bibliográficas:

Pestalozzi nasceu em 1746 em Zurique, na Suíça. Foi um pedagogo Suíço e um educador pioneiro da reforma educacional.

Seu pai morreu quando ainda era criança e sua família empobreceu. Foi criado pela mãe. As dificuldades para sobreviver fortaleceram a sua alma ainda na infância. Conheceu de perto o preconceito social e teve de lutar muito para se tornar conhecido numa sociedade dividida entre nobres e plebeus e entre ricos e pobres. Durante esse período recebeu orientação religiosa protestante mas considerou-se sempre um cristão, sem defender qualquer religião.

Após a leitura do “Emílio” de Rousseau, Pestalozzi foi influenciado pelo movimento naturalista e tornou-se um revolucionário, juntando-se aos que criticavam a situação política do país.

Gastou parte de sua juventude em lutas políticas mas, em 1781 com a morte do amigo e político Bluntschli, abandonou o partido para se dedicar à causa da educação.

Casou-se aos 23 anos e comprou um pedaço de terra onde intentou o cultivo de *ruiva* (*Rubia tinctorum* – planta herbácea de onde se pretendia tirar um corante) mas, não sendo agricultor, fracassou.

Por este tempo havia feito de sua casa na fazenda uma escola. Escreveu "As Horas Nocturnas de um Ermitão", contendo uma coleção de pensamentos e reflexões. A este livro seguiu-se a sua obra-prima: "Leonardo e Gertrudes", um conto onde narra a reforma gradual feita primeiro numa casa, depois numa aldeia, frutos dos esforços de uma mulher boa e dedicada. A obra foi um sucesso na Alemanha e Pestalozzi saiu do anonimato.

O horror da guerra: nasce o "Método Pestalozzi"

A invasão francesa da Suíça em 1798 fez sobressair o seu carácter verdadeiramente heróico. Muitas crianças vagueavam no Cantão de Unterwalden, às margens do Lago de Lucerna, sem pais, casa, comida ou abrigo. Pestalozzi reuniu muitos deles num convento abandonado, e investiu as suas energias educando-os. Durante o inverno cuidava delas pessoalmente com extremada devoção mas, em Junho de 1799, o edifício foi requisitado pelo invasor francês para instalar ali um hospital, e seus esforços foram perdidos.



 Pestalozzi com órfãos em Stans

Em 1801 Pestalozzi concentrou as suas ideias sobre educação num livro intitulado "Como Gertrudes ensina suas crianças" (*Wie Gertrude Ihre Kinder Lehrt*). Ali expõe seu método pedagógico de partir do mais fácil e simples, para o mais difícil e complexo.

Em 1799 obteve permissão para manter uma escola em Burgdorf, onde permaneceu trabalhando até 1804. Em 1802 foi como deputado a Paris e fez de tudo para fazer com que Napoleão se interessasse em criar um sistema nacional de educação primária: mas o conquistador disse-lhe que não podia perder tempo com o alfabeto.

A Escola

Em 1805 ele mudou-se para Yverdon no Lago Neuchatael e por vinte anos dedicou-se ao seu trabalho continuamente. Ali era visitado por todos que se interessavam pela educação, como Talleyrand, d'Istria de Capo, e Mme. de Staël. Foi elogiado por Humboldt e por Fichte. Dentre seus discípulos incluem-se, Denziard Rivail, Ramsauer, Delbrück, Blochmann, Carl Ritter, Froebel e Zeller.

Por volta de 1815 dissensões surgiram entre os professores da sua escola, e os últimos 10 anos de seu trabalho foram marcados por cansaço e tristeza. Em 1825 aposentou-se em Neuhof.

Escreveu as suas memórias e seu último trabalho, "O canto do cisne", vindo a morrer em Brugg.

Legado



 Pestalozzi e os órfãos de Stans

Como ele próprio disse, o verdadeiro trabalho da sua vida não aconteceu em Burgdorf ou em Yverdon, mas nos seus primeiros momentos como educador, com a sua observação, a preparação do homem integral, a prática junto aos órfãos de Stans.

Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciando profundamente todas as correntes educacionais, e está longe de deixar de ser uma referência. Fundou escolas, cativava todos para a causa de uma educação capaz de atingir o povo, num tempo em que o ensino era privilégio exclusivo de alguns.

"A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim de ação. É atividade."

Johann Heinrich Pestalozzi

A obra completa de Pestalozzi foi publicada em Stuttgart em 1819 e 1826.

Em 1881 surgiu em Berlim uma edição por Seyffarth.